

ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DA CAIXA D'ÁGUA DE FIBROCIMENTO RETANGULAR PARA CRIAÇÃO DE TEJÚS (*Tupinambis* sp.)

Rafael Santos de AQUINO (1), Rodrigo Barros de LUCENA (2), Fernando de Figueiredo PORTO NETO (3), André Carlos Silva PIMENTEL (4), Almir Ferreira da SILVA (5), Jean Martins dos SANTOS (6)

- (1) Professor do IF-Sertão Pernambucano, Campus Ouricuri, Endereço: Rua do Tamborio, s/n. Ouricuri-PE, e-mail: faelaquino@ibest.com.br
(2) Professor de IFPE, Campus Barreiros, Endereço: Fazenda Sapé s/n. Barreiros – PE. e-mail rodrigolucena@barreiros.ifpe.edu.br,
(3) Professor da UFRPE, Departamento de Zootecnia, Av. Manuel de Medeiros, s/n., Dois Irmãos, Recife-PE, e-mail: fporto@ufrpe.dz.br
(4) Aluno do Doutorado da UFRPE em Zootecnia, Av. Manuel de Medeiros, s/n., Dois Irmãos, Recife-PE, e-mail: drmysterio@hotmail.com
(5) Aluno de Mestrado da UFRPE em Zootecnia, Av. Manuel de Medeiros, s/n., Dois Irmãos, Recife-PE, e-mail: almirzoo@hotmail.com
(6) Professor de Biologia do Estado de Pernambuco, Av. Afonso Olindense 1213, Várzea, Recife-PE e-mail: jeanmartins@hotmail.com

RESUMO

Os tejús (*Tupinambis* sp.) são répteis que distinguem-se em seis espécies das quais quatro são encontradas no território brasileiro. Este gênero habita na América do Sul nos limites cardinais que vai da costa litorânea brasileira (Leste) até o sopé ou base da Cordilheira dos Andes (Oeste), e do extremo sul brasileiro e parte do território argentino até o início da Floresta Amazônica (Norte) sem ultrapassá-la. De acordo com a importância de se estudar espécies nativas do Brasil quanto ao ponto de vista produtivo e não apenas conservacionista. Países como Argentina e Paraguai possuem planos de manejo explorativo governamental para os tejús tendo em vista que são os países que mais exportam a pele do animal principalmente para o estado Norte-americano do Texas para confecção de botas e artigos de *cowboys*, além de exportar para países europeus como a Alemanha. Desses répteis se utiliza não apenas a pele, que é o principal produto, mas também sua carne, para alimentação humana e animal e sua gordura que possui finalidades medicinais na Argentina e no Paraguai, além de o animal ser vendido como animal *pet* principalmente para a Europa. Ainda não explorados comercialmente no Brasil, mas com registros de consumo da carne do réptil no país, pode-se apontar como uma alternativa para a exploração racional dos recursos naturais nativos associado com a regionalização dos materiais disponíveis para isso, contribuindo não apenas para uma alternativa produtiva, mas para uma nova alternativa de conservação da espécie.

Palavras-chave: tejú, caixa de água, Tupinambis, criação de réptil

1. INTRODUÇÃO

Os tejús (*Tupinambis* sp.) são animais da classe Reptila, ordem Squamata, sub-ordem Lacertiformes, pertencentes à família Teiidae. Habitantes da América do Sul, limitam-se do sul da Floresta Amazônica até a altura da região Norte da Argentina, e nos limites Leste-Oeste do litoral brasileiro até a costa da Cordilheira dos Andes.

São popularmente chamados de teiús ou tejús nas populações sul-americanas, e por tegus na Europa e EUA. Devido à extensão continental do Brasil, dentre as seis espécies existentes de tejús apenas uma não habita o território brasileiro, o *T. Longilineus*. Ocorrendo as espécies *T. teguixin* (tejú comum), *T.*

merianea (tejú preto com listras amarelas), *T. rufescens* (tejú vermelho ou colorado), *T. duseenii*, e *T. quadrilineatus*, tendo destaque às espécies *T. teguixin*, *T. merianea*, e a *T. rufescens* devido serem mais difundidas no território nacional.

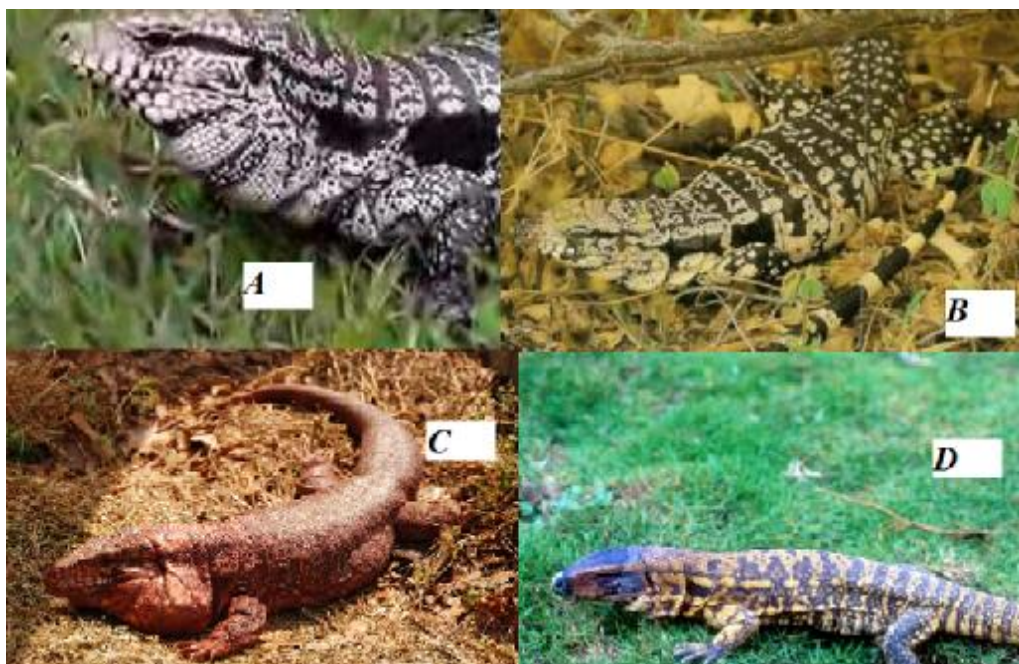


Figura 1 – Quatro principais espécies de tejus do Brasil. (A) *Tupinambis teguixin* ou tejú comum, preto e branco; (B) *Tupinambis merianae*, preto com listras e pintas amarelas; (C) *Tupinambis rufescens*, tejú colorado, habita as regiões próximas à Argentina e Paraguai, maior espécie; (D) *Tupinambis duseenii*, coloração azulada com listras amarelas.

O *T. rufescens* encontra-se na região Sul e Centro-Oeste, principalmente nas proximidades com Argentina e Paraguai, onde também se encontram os tejus das espécies *T. merianea* e *T. teguixin* as mais difundidas ocorrendo do Nordeste brasileiro ao Sudeste, do litoral ao Centro-Oeste e ainda em ilhas como a de Anchieta em São Paulo e o arquipélago de Fernando de Noronha. Nesses locais por não apresentarem inimigos naturais se reproduziram rapidamente causando desequilíbrio ambiental por predarem ovos de aves marinhas.

São animais onívoros, mas predam com maior preferência ovos de aves. Em uma análise de 200 estômagos de *Tupinambis rufescens* do Chaco Salteño, na Argentina, foram encontrados vários insetos, frutas que caíam de árvores como o mistol (*Ziziphus mistol mistol*), algaroba (*Prosopis Juliflora*) e tala (*Celtis tala*). E se tem visto tejus comerem preás, ratos, ovos, aves e outros répteis, como afirma Fitzgerald (1992). Reproduzem-se da primavera ao verão e hibernam durante o outono e inverno. Crescem cerca de 1,7m de comprimento, medido do focinho a ponta da cauda e crescem durante quatro anos.

A Argentina e o Paraguai utilizam economicamente o teju para produção de carne, gordura, e principalmente de pele. O principal cliente na compra das peles são os Estados Unidos, que a utilizam na confecção de botas e artigos para vaqueiros. E com isso movimentam milhares de dólares na economia dos dois países.

Segundo estimativa de Fitzgerald (1991), a cada ano mais de 1,25 milhões de peles são exportadas da Argentina para os Estados Unidos, Canadá, México, Hong Kong, Japão e muitos países europeus.

Para Mieres e Fitzgerald (2006), Os tejus do sul da América do Sul têm sido explorados comercialmente por mais de 25 anos, e por isso são os répteis mais explorados no mundo. Com o aumento da produção fez-se necessário a intervenção governamental para implementação de programas de monitoração e exploração racional dos animais, que apresentaram declínios populacionais consideráveis na Argentina e no Paraguai. As propriedades legais dos dois países

destinam cerca de 10% das crias obtidas em cativeiro para o repovoamento em reservas florestais, contribuindo com a manutenção da espécie no meio ambiente local.

O objetivo deste trabalho foi comparar os dados zootécnicos de criação do teju na Argentina quanto às instalações e compará-los com a utilização de caixas d'água de fibrocimento com capacidade de mil litros em formato retangular.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Através da pesquisa na literatura científica, disponível na Internet, e obtenção de alguns dados zootécnicos acerca da criação de tejus na Argentina e no Paraguai, realizou-se a comparação dos dados de criação já desenvolvidos naqueles países e adaptação desses dados para a possível utilização de caixas de água, de fibrocimento, em formato retangular (1,61m de comprimento e 1,12m de largura para 0,74m de altura), considerando apenas neste trabalho os valores de espaço, principalmente relativos à área, desprezando dessa forma a altura, como parâmetros para estimativa do espaço animal que é de 1,5m² para cada animal adulto em reprodução.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a produção de tejus na Argentina os produtores respeitam a densidade de 1,5m² para animais adultos, assim os currais de reprodução são feitos, respeitando o espaço animal e a proporção de seis fêmeas para cada macho. Onde em cada curral de reprodução aloja-se 30 fêmeas e 5 machos. Não obteve-se dados quanto a densidade utilizada para o agrupamento de neonatos e juvenis.

Como se trata de uma espécie não doméstica, acostumada ao cativeiro, não se pode aplicar um alto grau de confinamento, conforme relata Gonzáles *et al.* (1999).

A caixa d'água de mil litros é a que possui área compatível com a relação área/animal exigida na produção de tejus, pois com as medidas de comprimento e largura, respectivamente de 1,61m e 1,12m, obtém-se uma área de 1,79m², maior do que a área mínima para confinamento de um animal adulto que é de 1,5m². Isso indica que a caixa d'água de mil litros pode ser utilizada para abrigar apenas um animal.

A produção é dividida em setor de reprodução em currais que abrigam cerca de 35 animais onde apenas 5 são machos, as fêmeas grávidas são então retiradas dos currais de reprodução e postas individualmente em ninhos artificiais feitos de alvenaria contendo palha seca de capim e água, além de um abrigo que pode ser uma telha de cerâmica. Após a postura dos ovos, as fêmeas são retiradas e postas em currais individuais até que chegue a estação de primavera para iniciar o agrupamento para reprodução. Os ovos coletados, em média 25 ovos por fêmea, são postos em incubadoras artificiais de aves e cobertas com areia. Com sessenta dias os ovos eclodem, apresentando um aproveitamento médio de 85% de eclodibilidade. Os neonatos são então recolhidos e agrupados para receberem alimentação adequada, em uma densidade não descrita que diminui ao serem agrupados como juvenis com cerca de um ano.

Para Fitzgerald (1994), a exploração de tejus tem mostrado ingredientes que o levam a tornar-se um modelo para o uso sustentável da vida silvestre na América Latina, reforçando a importância da utilização racional de muitas espécies silvestres que atualmente são exploradas indiscriminadamente em todo território brasileiro, sem que haja a devida atenção pela manutenção da biodiversidade.

4. CONCLUSÃO

Com esta breve descrição verifica-se que a caixa de água de mil litros pode ser utilizada como maternidade e para a fase de cria, já que se adequa à contenção de apenas um animal adulto ou pode ser utilizado ainda para contenção de neonatos e juvenis, requerendo para tanto, testes para avaliação da melhor relação animal por área (densidade). E por ser um material de fácil aquisição, se enquadra

com facilidade nos setores de maternidade, crescimento e engorda na criação de tejus, sendo a fase adulta e de reprodução realizadas em piquetes ou currais.

Além de apresentar uma alternativa para a exploração comercial racional de animais silvestres, através da criação de tejús serve como modelo para que seja possível repensar a exploração de outras espécies silvestres nativas do Brasil, que encontram-se ameaçados de extinção pela exploração extrativista, e que, assim como os tejús, passam a ser explorados e estudados por outras nações sem despertar o interesse brasileiro para suas próprias riquezas.

REFERÊNCIAS

FITZGERALD, L. A. 1992. **La Historia Natural de Tupinambis**. Revista UNA. p.71-72. Assunção, Paraguai.

FITZGERALD, L. A. 1994. **The interplay between life story and environmental stochasticity: Implications for the management of exploited lizard populations**. American Zoologist 34: 371-381.

FITZGERALD, L. A.; CHANI, J. M.; DONADIO O. E. 1991. **Tupinambis Lizards in Argentina: Implementing Management of a traditionally Exploited Resource**. In: ROBINSON, J.; REDFORD, K. eds. Neotropical Wildlife: Use and Conservation. p. 303-316. University of Chicago Press, Chicago, EUA.

GONZÁLES, O.M., DE CARO, A.E.J.; VIEITES C.M. 1999. **Conducción zootécnica del Tupinambis teguixin y análisis económico de la actividad**. Archivos de Zootecnia. 48:343-346.

MIERES, M. M.; FITZGERALD, L. A. 2006. **Monitoring and Managing the Harvest tegu lizards in Paraguay**. **Journal of Wild Life Management** p. 1723-1734. Texas A&M University, College Station, EUA.